



## INDISCIPLINA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Angela Sampaio de Deus Lima<sup>1</sup>, Renata Simões de Brito Cardoso<sup>2</sup>, Camila Técla Morteau Mendonça<sup>3</sup>, Lillian Maia Borges Testa<sup>4</sup>, Helaine Patrícia Ferreira<sup>5</sup>, Sonia Maria de Campos Silva<sup>6</sup>*

**RESUMO:** Este artigo trata de uma pesquisa bibliográfica sobre a indisciplina nos anos iniciais do ensino fundamental. Buscamos compreender, por meio de uma pesquisa bibliográfica, como se dá este fenômeno e quais as contribuições teóricas acadêmicas disponíveis, a fim de que possamos entender este comportamento até então reprimido e condenado pela sociedade. Evidenciamos no decorrer da pesquisa como se estrutura o processo de conhecimento das inter-relações na relação docente/discente, como ocorre a indisciplina na escola, discutimos como é a relação entre a sociedade e a indisciplina e as ações contra a indisciplina, o professor como agente disciplinador e modelos didáticos que contribuem para a prática escolar disciplinar. Concluiu-se que é preciso que a sociedade escolar compreenda o que de fato é a indisciplina nas escolas, organizando este conhecimento como referencial para conduzir tais situações de indisciplina no exercício da profissão, a fim de que se possa ter condições desenvolver ações de combate a esse fenômeno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Indisciplina. Anos iniciais do ensino fundamental. Docente. Discente.

### 1 INTRODUÇÃO

Muito discutida no âmbito escolar a indisciplina é de inúmeras causas que dificilmente temos uma conclusão. Podendo ser uma questão de comportamento ou atitude de insatisfação. O indisciplinado não prejudica só o ambiente escolar, mas afeta até seu desenvolvimento cognitivo e afetivo.

A indisciplina está associada a fatores internos e externos à escola, muitas vezes, é uma forma de se mostrar para o mundo com uma forma de expressão, a falta de espaço adequados no ambiente escolar, e a família desestruturada a falta de respeito e atenção de seus pais e familiares, a violência doméstica. Tudo é refletido no ambiente escolar.

Apresento um estudo sobre a indisciplina nos anos iniciais do ensino fundamental que muito interfere no processo de ensino e aprendizagem e na prática pedagógica. Não é uma tarefa fácil para resolver as dificuldades encontradas com a indisciplina nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a família tem um papel importantíssimo. Pois as famílias muitas vezes estão desestruturadas e o aluno absorve e reproduz na escola o momento que está vivendo na família. O professor precisa ser o incentivador do aluno, o conscientizado da família e da sociedade.

Para atingir o objetivo proposto, optou-se por uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, na qual a metodologia utilizada para sua realização baseia-se em um levantamento bibliográfico em artigos e livros que abordam o tema. Este artigo tem como objetivo discutir a indisciplina no meio escolar, principalmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os resultados serão apresentados no decorrer deste artigo e estão organizados da seguinte forma: No primeiro irei abordar a indisciplina dos alunos na escola, seguindo da realizada uma análise com relação aos discentes como agente da indisciplina na escola, após abordarmos a sociedade e a indisciplina escolar, a escola os educadores e educandos na ação contra a indisciplina escolar, o professor como principal agente na disciplina do educando, e por fim trataremos das construções de modelos didáticos se adequa a prática interdisciplinar.

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Maringá-PR. Unicesumar – Centro Universitário Cesumar. angelaosampaio@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Promoção da Saúde: educação e tecnologia na promoção da saúde pela Unicesumar – Centro Universitário Cesumar. Maringá-PR. Unicesumar – Centro Universitário Cesumar. renata.simo.es.de.brito@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Maringá-PR. Unicesumar – Centro Universitário Cesumar. teclacamila@hotmail.com

<sup>4</sup> Especialista em Psicopedagogia, Docência no Ensino Superior e EAD e as novas tecnologias pela Unicesumar. Maringá –PR. lillianmaia@hotmail.com

<sup>5</sup> Especialista em Informática aplicada a Educação. Maringá-PR. Unicesumar – Centro Universitário Cesumar. hpferreira@uol.com.br

<sup>6</sup> Mestranda em Gestão do Conhecimento nas organizações pela Unicesumar – Centro Universitário Cesumar. Maringá-PR. Unicesumar – Centro Universitário Cesumar. sonia.silva@unicesumar.edu.br



## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizamos pesquisa bibliográfica. Como fonte para a discussão dos assuntos aqui propostos, estudamos principalmente os autores Almeida (2000; 2003); Bittencourt (1993; 1998; 2001); Fazenda (1994); Freire (1996) e Luck (1995). O artigo está sendo organizado em cinco tópicos, quais sejam, os discentes como agentes da indisciplina na escola, a sociedade e a indisciplina escolar, a escola os educadores e educandos na ação contra a indisciplina escolar, o professor como principal agente na disciplina do educando e construções de modelos didáticos se adequa a prática interdisciplinar?

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 3.1 INDISCIPLINA DOS ALUNOS NA ESCOLA

A indisciplina nas escolas ainda é um grande problema de cunho complexo que vem sendo enfrentado em seu cotidiano, e que a cada ano esta se agravando, apesar de ser objeto de estudos em congressos pedagógicos, e em diversas instituições de educação.

Podemos enumerar diversos tipos de indisciplina que ocorrem dentro de uma instituição escolar, seja ela privada ou pública, dentre os quais se manifestam através de conversas paralelas durante as aulas, por degradações ocasionadas dentro do ambiente escolar, tais como pichações, lixos no chão, furtos, violências e outros fatos que fogem as regras da escola. Na maioria das vezes estes casos de indisciplinas estão relacionados com a questão da falta de limite dentro da família?

Taille e Taille (1996, p. 25) analisa que:

[...] crianças e adolescentes precisam sim aderir a regras e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os 'limites' implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não poderia ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, e a sociedade como um todo.<sup>7</sup>

É importante também analisarmos a indisciplina como proveniente de uma série de consequências à prática pedagógica, dentre algumas temos: as condições de ensino e aprendizagem, a natureza do currículo, as características dos alunos, a forma de comunicação entre professores e alunos, a falta de motivação para provocar interesse do aluno. Porém existem diversos fatores que influenciam para estes tipos de comportamentos dentro do ambiente escolar.

Nesse sentido, segundo Garcia (1999, p. 14), as expressões de indisciplina podem ser relacionadas entre fatores externos e internos à escola:

Entre as causas externas vamos encontrar, por exemplo, a influência hoje exercida pelos meios de comunicação, a violência social e o ambiente familiar. As causas encontradas no interior da escolar, por sua vez incluem o ambiente escolar e as condições de ensino-aprendizagem, os modos de relacionamento humano, o perfil dos alunos e a sua capacidade de adaptar aos esquemas da escola (GARCIA, 1999, p. 14).<sup>8</sup>

Desta forma, Rego (1996) entende que é necessário identificar, principalmente, os pressupostos subjacentes às explicações geralmente manifestas pelos educadores, que acabam por revelar, ainda que de maneira implícita, determinadas visões sobre o processo de desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo e, como decorrência, o papel desenvolvido pela escola.<sup>9</sup>

Então, seguindo essa linha de pensamento temos que a visão dos diferentes elementos da comunidade escolar, tais como os professores, gestores, pais, alunos e outro, influenciam significativamente no processo educativo sobre as causas da indisciplina.

Para transformar a realidade destes alunos é necessário o comprometimento da equipe escolar, a família e que conscientizem e reflitam sobre os prováveis eventos que envolvam a indisciplina em todo o seu contexto, e colabore reciprocamente para enfrentar esse problema tão complexo.

<sup>7</sup> TAILLE, Y. L.; LA TAILLE, Y. De. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **A indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 7. ed. São Paulo: SUMMUS, 1996. p. 9-24.

<sup>8</sup> GARCIA, Joe. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paraense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, 1999. p. 14.

<sup>9</sup> REGO, Teresa C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva Vygotskiana. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **A indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 85.



### 3.2 OS DISCENTES COMO AGENTE DA INDISCIPLINA NA ESCOLA

Existem diversas causas para a indisciplina na sala de aula, porém não podemos esquecer que essa problemática pode ter origem no próprio aluno por questões biológica, social ou psicológica. Um aluno que não se alimenta, e que tem problemas de sono, ou qualquer tipo de doença, pode acarretar inquietação, incapacidade em resolver os trabalhos em classe de aula.

Segundo Oliveira (1996, p. 210):

Podemos definir os atos caracterizados como indisciplinados na escola estariam relacionados à atitude do aluno, como por exemplo: falar ao mesmo tempo em que o professor atrapalhando as aulas; responder com grosserias; brigar com outros alunos ou mesmo entre professor e aluno; bagunçar; ser desobediente; não fazer as tarefas escolares.<sup>10</sup>

Um aluno que não se alimenta, e que tem problemas de sono, ou qualquer tipo de doença, pode acarretar inquietação, incapacidade em resolver os trabalhos em classe de aula. Muitas vezes alunos portadores de deficiência física, gordos, magros demais, são alvos de *bullying*, ou seja, críticas e perturbações por parte dos colegas, o que provoca irritações e estabelecem confusões, que muitas vezes geram violências.

Além da questão biológica, o nível social da família, a forma como a criança ou adolescente é tratado por seus familiares, pode influenciar no comportamento deste aluno na sala de aula. A depender da forma de tratamento pode ocasionar complexo de inferioridade ou superioridade e com isso refletir para seus colegas, professores e gestores. Porém, muitas vezes este tipo de comportamento já é da própria natureza psicológica do aluno, ou seja, este pode ser portador de deficiência mental, tendência impulsiva ou até por traços da sua personalidade.

De uma forma clara Volker (1986 *apud* PERIN; CORDEIRO, 2002) define a indisciplina, presente nas escolas hoje, como um posicionamento contrário ao processo educativo, onde o aluno não tem nenhuma vontade de estar na escola, não tem respeito pela escola e nem postura para frequentá-la<sup>11</sup>.

O certo é que existem vários fatores causadores da indisciplina no contexto escolar, que contribuem para a insatisfação do aluno. O fato é que a solução do problema está relacionada com a família, escola, professor, e principalmente o aluno. Neste sentido, considerando que as questões relacionadas à indisciplina constituem foco de problema na realidade educacional, no qual buscamos uma forma de encontrar uma possível solução para esse grave problema.

### 3.3 A SOCIEDADE E A INDISCIPLINA ESCOLAR

Para Pirelli (2007, p. 18) “não é a educação que forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que está, tendo-se formado a si mesma de certo modo, estabelece a educação que está de acordo com os valores que guiam a sociedade”<sup>12</sup>.

De acordo Tiba (1996, p. 11), “para viver em sociedade, o ser humano não precisa apenas de inteligência”. Precisa viver segundo a ética, participando ativamente das regras de convivência e encarando o egoísmo, por exemplo, como uma deficiência funcional social.<sup>13</sup>

Os meios de comunicações com informações imediatas dos variados tipos de acontecimentos. E é aí que se encontra o perigo para essas as crianças e adolescentes, por não terem opiniões formadas, e assim se encantarem por influências maléficas. Em noticiários, filmes, novelas, jogos, são abordadas sobre assuntos relacionados a violências, furtos, homicídios que geralmente não resultada em penalidades para esses infratores. Escândalos de corrupção que se sucedem da política se tornaram assuntos rotineiros, enquanto muitas famílias com pais desempregados, sem ter como sustentar suas famílias.

A sociedade esta sempre a oferecer estímulos negativos para a família e conseqüentemente para a criança e o adolescente acabam criando um estado de revolta dentro de si, gerando ato de indisciplina em suas casas, na comunidade e na escola.

### 3.4 A ESCOLA OS EDUCADORES E EDUCANDOS NA AÇÃO CONTRA A INDISCIPLINA ESCOLAR

<sup>10</sup> OLIVEIRA, J. **Estatuto da criança e do adolescente**: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. 7. ed. atual. ampl. São Paulo: Saraiva 1996. 210 p.

<sup>11</sup> PERIN, E.S.; CORDEIRO, M.V.C.C. **Indisciplina na escola do século XXI**. 2002. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Psicopedagogia) – UEPG, Ponta Grossa, 2002. p. 28. Disponível em: <<http://www.catholicadeanapolis.com.br/portal/uploads/files/d96261f4c4a754d23be97da5d6f02301.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2011.

<sup>12</sup> PITELLI, Cláudio. **Didática Geral Universidade Católica de Campinas**. Campinas: Papirus, 2007. p.18.

<sup>13</sup> TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996. p.11.



Partido do pressuposto de que se desejamos intervir na realidade educacional com relação à indisciplina, inicialmente devemos conhecer a forma como as pessoas envolvidas nessa realidade compreendem os dilemas que vivenciam, e as alternativas de modificação dessa situação neste contexto. Vários são e sempre serão os questionamentos para chegar a um ponto comum em relação ao fenômeno da indisciplina. O que está acontecendo com esses alunos? O que fazer? Como fazer? Qual a solução desse problema? Quem é o verdadeiro culpado? Diversos estudos mostraram que ações de autoritarismo, imposição e violências, não têm efeito duradouro e não resolverá tal problema.

Para Franco (1986, p. 32), se formos buscar um “culpado” correremos o risco de ficar no jogo de empurra-empurra, uma vez que:

Os professores dizem que os responsáveis pela indisciplina em sala são os pais, que culpam o professor e a escola, que culpa o sistema, etc. assim, por exemplo, diz – se que o professor é vítima de uma engrenagem maior, o que é verdade; não se pode deixar de considerar que o aluno, no entanto, tem sido a maior vítima dessa situação toda: de um lado, vítima da ‘engrenagem maior’, que tem achado os salários de seus pais e, de outro lado, vítima de sua ‘engrenagem menor’ ou seja, a escola (FRANCO, 1986, p. 32)<sup>14</sup>.

Desta forma, a busca do culpado só provocará reações de ataques e defesas, sendo que o fundamental é que todos os sujeitos responsáveis por essa problemática estejam juntos nesta batalha. Se cada um dos envolvidos neste processo fizesse seu papel de forma reflexível, logo encontrará uma resposta para seus questionamentos. Sendo assim, é importante compreender que este fenômeno diz respeito a todos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, e não só ao aluno. Nesse processo é necessário designar um sentido a escola. Sobre esse aspecto Vasconcelos (1994, p. 58) escreve:

Devemos estar preparado para responder à questão chave, que está mais do que nunca na cabeça dos alunos: “Estudar para que”? Evidentemente só podemos responder a essa questão inserindo-nos no âmbito de um projeto social maior. É preciso tomada de consciência de que nosso sistema sócio-política-econômica-cultural é excludente, não havendo “lugar” para todo mundo. Daí a necessidade de ganharmos o aluno para a indispensável mudança que deve ocorrer: não se trata mais de simplesmente estudar para “garantir o meu lugarzinho no bonde da história”; trata-se, isto sim, de estudar a fim de ganhar competência para ajudar a mudar o rumo desde bonde<sup>15</sup>.

Não adianta a escola desenvolver todo um trabalho, se não tiver ressonância e continuidade da família. Segundo D’Antola (1989, p. 9) “[...] A disciplina na escola tem que ser construída por todos os elementos envolvidos, senão não vai dá frutos positivos”.<sup>16</sup>

Nesse processo, comportamento da família é fundamental, pois é nela que a criança tem a primeira etapa do comportamento. E são através da autoridade dos pais que se estabelecem limites as crianças. É importante também que os educadores o façam, pois para Antunes (2002, p. 25):

Ensinar não é fácil e educar mais difícil ainda; mas não ensina e não educa quem não define limites, quem não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido [...]. Por isso mesmo, esses limites têm que ser claro, lúdicos, reiterados<sup>17</sup>.

Assim tornam-se necessário que o professor aborde em sala de aula, temas sobre valores para o bom convívio social, relacionando esse tema com o cotidiano social, familiar e escolar.

Vale salientar também que sendo definidas as regras coletivamente entre professores e alunos, estas devem ser sempre lembradas para não cair no esquecimento desses estudantes. Porém o professor como sujeito da história pedagógica sabendo da realidade no cotidiano escolar, não deve sonhar com uma sala de aula repleta de alunos ideais.

Sabe-se que para transformar essa realidade é necessário o comprometimento dos profissionais da educação, assim como a família, e que estes se conscientizem dessas contestações e reflitam sobre os prováveis eventos que envolvem a indisciplina em todo seu contexto, e colabore reciprocamente, com a finalidade de enfrentar esse problema que vem caminhando ao longo do tempo.

<sup>14</sup> FRANCO, Luís A. C. Disciplina na escola. **Problemas de Educação Escolar**. São Paulo: Cenafor. 1986. p. 32.

<sup>15</sup> VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala e na escola. São Paulo: Libertad. 1994. p. 58.

<sup>16</sup> D’ANTOLA, Arlete. **Disciplina nas escolas**: autoridades versus autoritarismo. São Paulo: EPU, 1989. p. 9.

<sup>17</sup> ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho = aluno difícil**. A questão da indisciplina em sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 25.



### 3.5 O PROFESSOR COMO PRINCIPAL AGENTE NA DISCIPLINA DO EDUCANDO

A escola vem passando por diversas transformações metodológicas durante os últimos anos. Nesta transição, o professor e o aluno são os personagens principais, de uma batalha chamada “indisciplina”, que vem sendo estudada durante muito tempo. O professor diante de uma sala de aula com alunos indisciplinados, na maioria das vezes sente-se impotente, achando que perdeu a autoridade. Porém nessas situações é importante não perder equilíbrio, mantendo-se calmo, para que os alunos não percebam e estes não tenham uma sensação de vitória. A vitória do professor é uma vitória pedagógica para turma.

Conforme adverte Berto (2004, p. 57), todo educador deve “impor limites que fortaleçam a base moral e facilitem a integração do aluno ao contexto social globalizado aonde deverá exercer sua cidadania”<sup>18</sup>. Porém conforme alerta Antunes (2003, p. 28) que:

É preciso ter muito cuidado com os limites da própria democracia, para que o professor não acabe se transformando em bonzinho, camarada e permissivo demais, senão, torna-se alienado, sem identidade, pois fica impossibilitado de transmitir a dignidade de sua profissão<sup>19</sup>.

Já Zagury (2005, p. 46), faz “reflexão sobre as mudanças ocorridas na relação professor/aluno e menciona que nos dias atuais o bom professor é visto como aquele que é amigo dos alunos”<sup>20</sup>.

Nesse sentido Zagury (2005, p. 47), diz que a prioridade na função do professor “é ser compreensivo, e aceitar as diferenças de cada um, sendo sempre bonzinho, e dessa forma o professor tornou-se sinônimo de “especialista em relações humanas”<sup>21</sup>.

Como acolhemos interfere no comportamento do educando e no trabalho pedagógico no contexto escolar. Para Marques (2001, p. 97) “vale a pena que cada um de nós, ao ingressar em sua sala para uma aula nova, encare-a assim mesmo, como nova, e trace um plano para conquistar o aluno com ela, como se fosse uma nova namorada, ou novo namorado”<sup>22</sup>.

Zagury (2005, p. 47) deixa claro que:

Não desmerece a importância do respeito às individualidades, e nem tampouco a compreensão, mas acrescenta que é preciso agir de forma efetiva para superar as diferenças, principalmente a respeito da aprendizagem, já que cabe ao professor<sup>23</sup>.

A autoridade na sala de aula é fundamental para o bom funcionamento do processo ensino aprendido. Desta forma Aquino (1996, p. 50) afirma que:

Antes de tudo o professor tem que ter claro sua postura, pois suas ações comprometerão seu julgamento, e precisa exercer sim sua autoridade, mas não autoridade entendida como autoritarismo, mas como domínio da situação e perceber que tanto o professor como aluno faz parte do processo<sup>24</sup>.

O professor deve ser a autoridade na sala de aula, porém é importante que o professor mantenha uma postura de respeito para com o aluno, pois é desta forma que conseguirá almejar o respeito do aluno para si. É também necessário que se tenha um dialogo aberto possibilitando um ambiente sadio. Para Vasconcellos (2002, p. 46), existem outras ações que podem ser citadas como atitudes de enfrentamento da indisciplina escolar, dentre elas temos:

- Um Projeto Político Pedagógico voltado para valorização do estudo;
- Promoção de condições adequadas de trabalho para o professor que dizem respeito à remuneração e espaço físicos adequados;
- Um trabalho de conscientização de todos os segmentos da escola para cômicos de suas responsabilidades as cumpra de forma satisfatória;

<sup>18</sup> BERTO, V. M. Vantagens de. (In)Disciplina em Sala de Aula **Pedagogia levada a sério**. Rio de Janeiro: WAP. 2004. p. 57.

<sup>19</sup> ANTUNES, C. **Professor bonzinho = aluno difícil**. A questão de indisciplina em sala de aula. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 28.

<sup>20</sup> ZAGURY, Tânia. **Limites sem trauma**. 69. ed. Rio de Janeiro. Record, 2005. p. 46.

<sup>21</sup> Idem, p. 47.

<sup>22</sup> MARQUES JÚNIOR, Nailor. **Educação para a felicidade**. Maringá: Linceu Editora, 2001. p. 97.

<sup>23</sup> ZAGURY, ibidem, p. 47.

<sup>24</sup> AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus. 1996. p. 50.



- A formação de uma equipe pedagógica disposta a ajudar o professor, promovendo uma reflexão coletiva sobre os problemas.<sup>25</sup>

Muitos estudos foram feitos em busca de encontrar causas, e prováveis soluções para o problema da indisciplina nos anos iniciais do ensino fundamental, porém após todas essas ações a conclusão foi saber que o mais relevante é entender que para se construir uma escola disciplinada será uma trajetória longa e contínua que apresentará modificações quando necessário.

### 3.6 CONSTRUÇÕES DE MODELOS DIDÁTICOS SE ADEQUA A PRÁTICA INTERDISCIPLINAR?

Para conseguir conter a atenção dos alunos são fundamentais que no processo pedagógico seja utilizado modelos didáticos como ferramenta estratégica e motivadora da prática interdisciplinar. Esses modelos didáticos possibilitam um entendimento mais fácil e envolvente, além de fazer o aluno perceber que existe uma relação entre as disciplinas.

É importante que na prática pedagógica seja utilizado um mecanismo atrativo e envolvente que adapte um aspecto lúdico e criativo. O uso do modelo tridimensional faz um diferencial como recurso didático, além de um forte mecanismo na construção de habilidades estruturadoras, e com isso, pode tornar uma aula mais divertida e interessante para todos.

Para um melhor entendimento sobre interdisciplinaridade, Bittencourt (1998, p. 34) retrata a importância da disciplina, ao escrever que “para existir a interdisciplinaridade, parece óbvio que deve haver, além de disciplinas que estabeleçam vínculos epistemológicos entre si, a criação de uma abordagem comum em torno de um mesmo objeto de conhecimento”<sup>26</sup>.

Com relação à interdisciplinaridade Luck (1995, p. 62) diz que:

Os conhecimentos necessitam ser articulados. Dessa necessidade, tem-se como consequência a proposta da interdisciplinaridade para superar a fragmentação, pois as disciplinas são vistas como mantenedoras de informações isoladas; uma perversa limitação.<sup>27</sup>

Pensando assim Luck (1995) enfatiza que a interdisciplinaridade traz a superação da fragmentação, linearidade e artificialização tanto do processo de produção do conhecimento, como do ensino, bem como o distanciamento de ambos em relação à realidade. Porém Luck (1995) faz um alerta para práticas, tais como, o trabalho cooperativo em equipe, a visão comum do trabalho, a integração de funções, a cultura geral, a justaposição de conteúdos. Ela diz que, atividades como essas supracitadas, isoladas, não se confundem com uma prática interdisciplinar; são, na verdade, peças para alcançar uma interdisciplinaridade plena.<sup>28</sup>

Para que seja desenvolvida uma atividade interdisciplinar, é fundamental que o professor tenha um domínio profundo dos conteúdos da disciplina que leciona, para que possa dialogar com os demais professores de outras disciplinas. Para Bittencourt (1993) esse profundo conhecimento da sua disciplina é necessário para “estabelecer, inclusive, um diálogo com os colegas de outras disciplinas”.<sup>29</sup>

Nesse sentido, Bittencourt (1993, p. 48) complementa e diz que:

Se houver domínio do conhecimento específico por parte dos especialistas das áreas é que poderá existir uma prática voltada para organização e sistematização de informações, em que os recortes de conteúdos de acordo com problemáticas comuns e a seleção de conceitos para serem ampliados e aprofundados, poderão integrar e fornecer aos alunos uma visão de conjunto do objeto do conhecimento.<sup>30</sup>

O fato é que para que exista a interdisciplinaridade o professor deverá aprofundar seu conhecimento para que possa gerar um trabalho metodológico em equipe com os demais docentes. Assim, para Bittencourt (1998) na interdisciplinaridade os conteúdos específicos são ensinados com um método comum a todas as disciplinas.<sup>31</sup>

Para Fazenda (1994, p. 78-79) um fator importante neste modelo pedagógico:

<sup>25</sup> VASCONCELHOS, C. dos S. **Coordenação do Trabalho Pedagógico**: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo: Libertad. 2002. p. 46.

<sup>26</sup> BITTENCOURT, Circe Maria F. (Org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 1998. p. 34.

<sup>27</sup> LUCK, Heloisa. **Pedagogia Interdisciplinar**: fundamentos teóricos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 62.

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico**: uma história do saber escolar. 1993. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. p. 28.

<sup>30</sup> Idem, p. 48.

<sup>31</sup> BITTENCOURT, Circe Maria F. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998. p. 29.



É que com o fato da “proximidade dos problemas tratados com as experiências cotidianas, ser possível, também, através de uma atitude interdisciplinar, trabalhar com a manutenção de interesse e curiosidades constantes do aluno, pois é mais motivador tratar de problemas que se estejam vivenciando”. Deve ser destacado que o aluno passa a entender o mundo que o cerca quando se coloca diante dele a necessidade de decidir como retratar determinados conhecimentos que se relacionam ao seu próprio corpo e a meio ambiente onde vive.<sup>32</sup>

Com a interdisciplinaridade é superada as limitações dos alunos, estimulando-os a desenvolverem suas habilidades e competências, além de contribuir para o comportamento do aluno na sala de aula durante o processo ensino-aprendizado. Pensando assim Luck (1995) reforça, portanto, que a educação deve adotar o paradigma da interdisciplinaridade a fim de formar cidadãos.

#### 4 CONCLUSÃO

Concluindo percebe-se que a indisciplina tem muitos fatores, a escola e a família devem ser parceiras. Porque atos indisciplinados dentro dos lares repercute diretamente na escola. A escola com o intuito de punir atos de indisciplina adverte e às vezes expulsa os alunos e retiram as nota, só tende a criar, mas conflitos e transtornos o que faz com que só cresça a indisciplina na escola. Os professores e a escola devem criar condições para amenizar os problemas.

Professores e os alunos precisam dialogar, buscando uma possível reflexão sobre alguns atos agressivos e rebeldes. Que podem causar sérios danos. Buscar com todos os envolvidos um planejamento, que visem fortalecer o respeito mutuo, a valorização da diversidade favorecendo a formação de um aluno crítico ético, que respeite a si mesmo e a sociedade.

#### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. **Informática e formação professores**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2000. Coleção Informática para a mudança na Educação.

ALMEIDA, M. E. B. O computador na escola e a formação de professores: teoria e prática da educação. **Maringá**, Edição Especial, p. 441-455, 2003.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico**: uma história do saber escolar. 1993. 125f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

BITTENCOURT, Circe Maria F. (Org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 1998.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.). **O saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo, Contexto, 2001.

FAZENDA, Ivani (Org.). **Práticas Interdisciplinares na Escola**. Campinas: Papirus, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDBERG, Marco César. Educação e Qualidade: repensando Conceitos. **Revista Brasileira de Estudos pedagógicos**, São Paulo, v. 79, p. 35-45, set./dez. 1998.

LUCK, HELOISA. **Pedagogia Interdisciplinar**: fundamentos teóricos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

<sup>32</sup> FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. Campinas, SP: Papirus, 1994. p. 78-79.